



NORDESTE SALESIANO

Suplemento

EDUCAÇÃO

Especial:

ENTREVISTA DO PE. JOSÉ IVAN
TEÓFILO COM O PROF. PAULO
FREIRE

FPF-OPF-07-039





NORDESTE SALESIANO - Especial

EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Entrevista feita com PAULO FREIRE
por Ivan Teófilo.*

Revista de Educação AEC

- Professor Paulo Freire, qual é o "chão" da educação libertadora? Qual seu contexto gerador na sociedade brasileira?

Paulo Freire

- Olha, em primeiro lugar eu gostaria de dizer de como eu já me sinto contente de começar esta entrevista a partir da primeira pergunta que tu fazes, e a partir desta linguagem metafórica que tu usaste "qual é o chão" da educação libertadora. Vou tentar falar um pouco deste chão.

Em primeiro lugar este chão significa primeiramente certos ingredientes históricos, sociais, políticos, ideológicos, culturais que de um lado gestam historicamente a emergência e a constituição da educação popular na América Latina e principalmente no Brasil, e de outro, estas condições históricas, sociais, políticas, etc. são

estimuladas, reinventadas e empurradas pela prática da educação popular na qual educadores e educadoras de opção política popular se engajam. É assim que eu começo a entender o "chão" dessa educação. É interessante, é interessante observar que há vinte e tantos anos atrás, perto de trinta anos atrás, o Nordeste brasileiro começa a se constituir um pouco nesse chão a que tu fazes referência agora. Eu lembro, inclusive, que na época não era tanto ainda sobre educação popular que a gente falava. A gente falava em cultura popular e a gente falava de educação de adultos, em cujo conceito a gente encontrava, e estava certo, a alfabetização de adultos. Não se falava ainda em educação popular na época.

O conceito de cultura popular que foi, eu creio que não seria injustiça histórica para o resto do Brasil, - o conceito foi cunhado aqui. A cultura popular, na concepção não apenas da expressividade criadora do povo, do

* Ivan Teófilo, Assessor da Linha 3 - Catequese - CNBB - NE II

"povão" das classes populares, mas também enquanto intervenção político-pedagógica de intelectuais engajados, esse conceito, se eu não estou falhando historicamente, se constitui ou se ensaia pela primeira vez no Brasil aqui, precisamente: no Movimento Cultural Popular que nos anos 60 anuncia ao resto do País a possibilidade de se fazer um trabalho de educação popular ainda não assim chamado, mas de cultura popular.

Dai surgiram os CPCs (Centros Populares de Cultura) que não se anteciparam ao Movimento de Cultura Popular. Historicamente é o Movimento de Cultura Popular que emerge em primeiro lugar e nasce aqui no Recife, nasce no Governo de Miguel Arraes, prefeito ainda, nasce de um grupo de intelectuais e artistas e de povo, liderados por Germano Coelho, por Anita Paes Barreto, Paulo Rosas e de que Silke Weber fazia parte como jovem militante da época, e tantos outros e tantas outras.

O chão do Nordeste, o chão do Recife, particularmente o chão do Recife, o chão ao mesmo tempo seco e molhado. Um chão seco pela espoliação desta região e das classes populares desta região. Por que a espoliação desta região é marcadamente a espoliação das classes populares. O chão seco e ressequido pela dor dos que morreram, dos que lutaram, dos que foram proibidos de ser... Mas um chão também molhado. Molhado de sonhos, molhado de aspirações, molhado de esperança, de vontade de briga. Essa é a contradição extraordinária que a gente encontra em chão como este.

Ora, não havia melhor chão, então, para os primeiros ensaios de uma

luta crítica e tendentemente crítica, crescentemente crítica, e que viesse depois, anos depois, se consubstanciar no conceito de educação popular.

Por que essas considerações históricas que estou fazendo? Exatamente para mostrar que a educação popular, ou o que a gente entende por educação popular, com alguma divergência entre um educador e outro, se gestou naquela luta primeira, como aquela luta primeira de trinta anos atrás se gestou em lutas anteriores.

A história é um processo, a história é possibilidade. Quando nós falávamos nos anos 50, nos anos 60, em educação de adultos e, enfim, em cultura popular, estávamos falando preponderantemente, nós todos que falávamos, estávamos falando exatamente, ou estávamos anunciando o que hoje educadores progressistas deste País entendem por educação popular.

E o que é esta educação popular?... Eu digo isso pra depois voltar à sua imagem "chão"... A educação popular é o esforço, organizado, o esforço sistematizado, de mobilização das classes populares, de organização das classes populares, para a transformação da sociedade injusta e a invenção de uma sociedade menos injusta.

Então a educação popular não é uma água-flor-de-laranja. A educação popular é um empenho realmente político. Tão político como a educação não popular. Tão político quanto a educação chamada elitista. Só que a educação popular não esconde a sua politicidade, quer dizer, ela se dá em favor dos interesses das classes populares.

FF-08F-07-039

Então o "chão" dessa educação é o chão das classes sociais. O tempo desse chão, portanto dessa educação, é o tempo do conflito. Não há porque fugir do conflito, nem há porque negar o conflito. O que há é que, engajando-nos no conflito, partear a nossa consciência, melhorar as nossas esperanças. Esse é o "chão" dela e o tempo dela é o conflito.

Revista de Educação AEC

- A aprendizagem da prática da libertação se faz no conflito com a prática da dominação. Como você vê este conflito hoje em nível pedagógico-social?

Paulo Freire

- Claro. A coisa é essencialmente dialética, como você colocou. Você imagine o seguinte: seria inviável pensar na criação de um conhecimento em busca da libertação, se não houvesse a opressão. Quer dizer nesse sentido, no fundo, o opressor, ou a situação concreta de opressão, se torna pedagógica.

Quer dizer, a situação concreta, objetiva, da opressão termina por educar. Termina por educar o oprimido na educação da superação desta opressão.

Esta busca para superar a situação concreta da opressão é mediatizada pelo conflito. Quer dizer, no momento em que o oprimido inserido na situação objetiva concreta da opressão começa a descobrir que não é mais possível pra ele continuar assim. Começa a descobrir, por exemplo, que já não basta explicar a ele a situação concreta dizendo que é querer de Deus, que é a vontade de Deus,

porque a sua compreensão de Deus começa a mudar também.

Esse começo de compreensão e de percepção da realidade objetiva de opressão não se dá através de trabalho puramente intelectual. Esse começo já é o resultado de uma certa participação conflituosa do oprimido no contexto da opressão. Quer dizer, é na medida em que ele vai levando uma chibatada hoje, outra chibatada amanhã e vai se organizando para reivindicar ou, pelo menos, para dizer que não pode apanhar tanto; e quando ele diz que não pode ou não quer apanhar mais, o patrão bate mais ainda, aí, é exatamente essa pedagogia da violência do opressor, é essa pedagogia da violência do próprio contexto que se vai constituir num chão novo agora.

O primeiro momento desse "chão" é aquele em que o opressor manda arbitrariamente. O segundo momento vai ser aquele em que, pretendendo ser gente, o oprimido descobre que a cada pretensão de ser gente ele apanha mais. Aí, então, o que é que acontece? O "chão" muda de qualidade, começa a se constituir como um possível "chão" da libertação.

É aí que a pedagogia do oprimido vai tomando forma no próprio contexto da opressão. Quer dizer, obviamente, se você me perguntar: e o opressor seria capaz de fazer deliberadamente a pedagogia para o oprimido se libertar? Eu diria não! De jeito nenhum o opressor pode libertar o oprimido. De jeito nenhum. Para que o opressor liberte o oprimido, ele precisa converter-se ao oprimido. E a conversão é uma exigência profunda. A conversão política e não mahnosa. A conversão não se dá através

de cheques para assistência a uma comunidade eclesial de base, para qual o milionário dá um cheque de um milhão de cruzados. Este cheque não autentica a conversão desse milionário.

No fundo tem muita gente que o que quer é que a situação de miséria continue para que ele possa ser caridoso. Isso não é conversão ao oprimido. Isso é traição à vida, traição à história, traição à boniteza do mundo. Então o que eu queria te dizer é que a situação opressiva, opressora gera ou pode gerar a rebeldia do oprimido. A tarefa nossa de educadores populares, educadores que odiam por um mundo menos feio, por um mundo menos arestoso, por um mundo em que se tenha menos medo de dizer que se ama; a tarefa nossa é de ajudar esse chão, é ajudar a iluminar esse "chão" para que os oprimidos ganhem dele uma consciência mais crítica ainda na continuidade de sua luta em busca de ser.

Revista de Educação AEC

- A escola poderia se considerar dentro deste "chão" maior, uma parcela deste "chão"? E nesse "chão" aí como é que é possível...

Paulo Freire

- Perdoá que eu nem tenha deixado terminar a pergunta. Mas eu não tenho dúvida nenhuma. Sua pergunta é dessas que quando são feitas trazem em si uma resposta. Quando tu me perguntaste isto agora é porque tu crês que a escola pode ser um pedaço deste chão. E eu digo que é. A escola pública é a minha luta, como educador deste país. Uma das minhas razões de briga é

exatamente a briga pela escola pública neste país. Pela melhoria dessa escola pública, pela ampliação dessa escola pública. Isto é um dos temas deste fim de século.

Eu tive a honra de ser recebido pela sub-comissão de educação da Constituinte. Com o professor Moacir Gadotti falamos umas duas horas sobre esse tema. Mas eu não tenho dúvida nenhuma. Pra mim, veja bem, esta tua pergunta merece um pouquinho de análise. Nós reconhecemos que, indiscutivelmente, a escola tenha por natureza, a tarefa de reproduzir a ideologia das classes dominantes. Disso eu acho que ninguém hoje tem dúvida.

Mas a outra coisa que, às vezes, passa despercebida por alguns educadores e por algumas educadoras brasileiras, por alguns educadores e algumas educadoras progressistas, é que se esta é a tarefa que as classes dominantes apontam à escola, há outra tarefa que, independente da vontade das classes dominantes... Porque se a coisa, se a história se desse apenas no percurso de uma obediência, que fosse a obediência às classes dominantes, não havia como libertar-nos. Mas é que a história não é assim. A história é contraditória. A história é possibilidade, sobretudo. Então o que acontecerá é que há uma outra tarefa que se esconde, que não é visível e que é detestada pelas classes dominantes. Essa outra tarefa é desmistificar a própria natureza reprodutora da escola. É mais do que desmistificar. É de ir além dela, é de fazer o contrário disso. Quer dizer é a de clarear a consciência dos alunos oprimidos. Se você me pergunta: Paulo, e é fácil? Eu lhe diria: não.

6

Revista de Educação AEC

- Nessa direção eu gostaria de lhe perguntar sobre as implicações desta educação para a organização e a vida da escola: as relações de poder, o conteúdo, o método...

Paulo Freire

- Como eu te disse, é difícil fazer isso. É tão difícil como nadar contra a correnteza. O fácil mesmo é reproduzir a ideologia. Deliberada ou indeliberadamente. Isso é fácil. Mas assumir uma postura de oposição a isso não é fácil por conseqüências que já dá pra gente imaginar. Mas vamos aprofundar um pouco essa questão.

Por aí então começamos a ver... Antes disso, eu te diria que o processo de reprodução tem que ver com o processo opacização da realidade. Quer dizer, a educadora, a ser-viço da classe dominante, consciente ou inconscientemente, na sua tarefa educativa e pedagógica, docente, e ensinante, por exemplo, ela trata os conteúdos, ela pode até tratar os conteúdos com uma competência indiscutível. Mas acontece, que eu sempre digo, que não basta a competência científica, não basta. Impõe-se a clareza política e a opção política. É a coerência com esta opção, para tratar matemática, para tratar biologia, pra tratar teologia. Mais do que conhecer teologia, matemática e biologia é preciso se saber o que quer politicamente.

Ora o que eu quero dizer é que enquanto uma professora, um professor, que cooperam com o sistema capitalista ensinam competentemente, ... eu acho que a diferença entre o

professor progressista e o professor reacionário é em como se dão ao mundo, se dão à luta e em favor de quem se dão. E não porque não são competentes. Quer dizer, a exigência da competência pra mim se dá aos dois, ao professor progressista e ao professor reacionário. Mas o professor reacionário, por exemplo, ao ensinar os conteúdos, ele pode opacizar a realidade de que ele trata. A tarefa do professor progressista é desopacizar, é desocultar a realidade.

Por aí você vê logo que é muito mais difícil, porque a repressão, a repressão pode se dar ao nível da própria escola. Por isso é que esse trabalho de desopacização eminentemente político não deveria ser feito apenas a partir da boa vontade e da clareza de um professor, mas era preciso que os professores progressistas se unissem e a categoria tomasse isso nas mãos.

Por esta razão, a questão que você coloca, as implicações do ponto de vista metodológico, do ponto de vista do conhecimento dos conteúdos, é uma questão absolutamente fundamental. O professor progressista deve estar consciente, em primeiro lugar, de que ele precisa ensinar. Quer dizer, é impossível a existência de um professor que não ensina. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. O ensino exige a competência de quem ensina em torno do objeto que ensina.

Então o professor não pode ensinar os conteúdos se não conhece os conteúdos que deve ensinar. Portanto, ele tem que ser competente nisso. Ele precisa capacitar-se permanentemente. E é por isso, inclusive, que ao descobrir um professor progressista que precisa estar competente

7

para ensinar competentemente aos alunos, desocultando a realidade, ele descobre, em certo momento, que ele precisa criar uma outra virtude que é a virtude da coragem e da briga, porque ele não pode ser competente, maltratado como ele vem sendo maltratado pelos poderes públicos da sociedade burguesa.

Por isso é que eu te digo: a melhoria da escola pública passa pela decência de tratamento dos professores e das professoras. Não é possível continuar pagando os miseráveis salários que se pagam nesse país, para professoras e exigir delas que sejam competentes. Mais outro aspecto. O professor progressista precisa ter uma compreensão crítica do papel dos conteúdos e não uma compreensão mágica. Saber que o conteúdo em si não vai ajudar a libertação do educando. O conteúdo em si é necessário, é fundamental, eu não sou contra os conteúdos, mesmo porque não houve no mundo, na história da educação, nenhuma educação sem conteúdo. Nunca houve, porque a educação é um ato de conhecimento e você não pode desvinculá-la do conteúdo. Na relação educador-educando há uma mediação indiscutível que é a do objeto de conhecimento que é o conteúdo. Agora, o que o professor progressista sabe é que o papel dele não pode ser o de simples trazedor do conteúdo que ele acha que é o melhor para depositar na cabeça do menino da favela.

Revista de Educação AEC

- Então, como o professor pode ajudar o aluno a se colocar num processo de apropriação criadora desses conteúdos e não simplesmente de aceitação passiva?

Paulo Freire

- Esta é a pergunta que acho que o educador progressista teria de fazer todo dia a si mesmo. Quer dizer, como é que o educador progressista ajuda a criança popular a superar seu saber de experiência puramente feito para a apreensão de saber indispensável à sua luta que é o saber mais sistematicamente rigoroso.

Pra mim o primeiro ponto é o respeito a esse saber ingênuo de experiência feito apenas, do menino, da cultura oprimida, da aspiração dos oprimidos. Quer dizer, eu tenho que partir é disso aí. E ao mesmo tempo dar o salto com a criança, a passagem do senso comum para o bom senso, para rigor do conhecimento é uma passagem mesmo. Eu não posso desprezar o conhecimento que está sendo gerado na favela, como coisa frágil, e desconhecendo a existência desse conhecimento partir do conhecimento sistematizado. Não dá, não tem sentido, esse treco não é científico. Daí a importância que eu acho da capacitação permanente dos educadores para tratarem cada vez melhor, cientificamente os conteúdos, mas cada vez mais politicamente claro o tratamento desses conteúdos.

Pra isso eu acho que é preciso que os educadores progressistas percebam, afinal, que a luta de classes continua dentro das escolas, que não é possível ao educador progressista benzer a escola pra que a luta de classes não entre nela. E dizer: - não, aqui sou o professor progressista, mas sou um sujeito de luvas, eu vou tratar aqui só o conteúdo; porque na medida em que eu der a essas crianças o conteúdo do ensino da matemática que os meninos burgueses de

Boa Viagem,⁽¹⁾ recebem, das ciências sociais que os meninos de Boa Viagem recebem, esses meninos da favela também vão dar o salto... Não! Não vão necessariamente dar o salto.

O que é preciso reconhecer é que há uma briga e uma briga social que inclusive está dentro desta escola. E lutar para que esta escola seja inclusive escola de felicidade. Quer dizer, eu não vejo porque a rigorosidade no tratamento de conteúdos deva fazer necessariamente a escola chata, quer dizer, a escola feia. A escola em que o menino vem infeliz e fica infeliz nela. Não. Eu acho que a escola deve ser um espaço de felicidade. O Snyder, o famoso Snyder em seu último livro, defende exatamente a alegria na escola.

Agora, pensar que a escola é um espaço em que apenas os conteúdos se transmitem é voltar ao começo deste século, é um retrocesso terrível. Eu acho que para a gente deve estar muito claro que a escola é um espaço de luta. E de luta de classe. Agora, evidentemente, o educador tem que ser competente para ensinar bem, o método de trabalho dele tem de ser aprimorado na própria prática, na reflexão sobre a prática.

E quanto mais eficientemente o educador trabalhe com sua competência científica em torno dos conteúdos e com seu sonho político sentido claro, tanto mais ele contribui para esse processo de transformação que está se dando hoje.

Eu sempre digo que nenhuma transformação social, política, de sociedade nenhuma alcança a sociedade numa terça-feira, às quatro horas da

tarde. Quer dizer isso é um processo, às vezes, um longo processo.

Revista de Educação AEC

- Quais as dificuldades e possibilidades que a escola católica tem hoje para se tornar espaço de uma prática educativa libertadora?

Paulo Freire

- A escola católica por ser católica, não é necessariamente progressista ou reacionária. Você dá uma olhadela na história da Igreja. Eu acho até melhor falar na Igreja mesmo. A escola católica não é expressão metafísica. A escola católica é feita pelos católicos. Quem são os católicos? Será que há católicos com uma natureza imutável e amoroso das classes populares? Não existe.

Há católico de classe dominante e católico de classe dominada. A análise de classe é fundamental para compreender o papel das escolas católicas, das escolas protestantes. É preciso saber qual é a opção política que está por trás de uma escola católica. Você pode ter uma escola católica que tenha uma opção nitidamente popular, que é uma minoria, uma exceção extraordinária. E você pode ter milhares de escolas católicas espalhadas por esse país que tenham uma opção reacionária, que estão a serviço das classes dominantes.

Inclusive historicamente, muitos dos colégios católicos foram implantados exatamente no sentido de formar as elites colonizadoras. Eu acho errado, sob o ponto de vista histórico de educação brasileira, dizer que a gente teve escolas católicas que fo-

ram formadas para educar os filhos dos dominadores.

Pra mim a pergunta que eu faria seria a seguinte: será fácil para um grupo de educadores católicos instalar, criar uma escola nitidamente, claramente, marcadamente católica, mas ao mesmo tempo, engajada na perspectiva da luta? Digo que é possível. Quem é que pode no Brasil hoje negar historicamente o papel extraordinário, político que a Igreja Católica teve a partir de um certo momento do regime militar pra cá? Somente agora é que a Igreja Católica resolveu ficar calada e recuar um pouco. Não sei porque é que ela deixou de falar. Eu não acredito que ela tenha pensado que a República Nova que começou... - não é nova mesmo, não existe coisa mais velha do que isso que está aí -... Mas o fato é que ela parou. É como se ela dissesse: eu falei muito num tempo em que podia ser presa e hoje não posso, não me prendem, então eu deixo de falar; vocês, que tomem conta...

Mas o que ninguém pode negar é o papel extraordinário de homens e de mulheres desta Igreja durante o momento mais difícil do regime militar.

Agora, voltando à questão da escola católica, o que eu gostaria de te dizer é que, mesmo reconhecendo que é possível que um grupo de cristãos católicos, inclusive você tem exemplos concretos, você pode dar exemplo, é muito fácil dar exemplo de gente de orientação cristã que faz uma escola razoavelmente boa. Mas a minha posição é mais radical. Eu sou pela escola pública. Eu acho que os cristãos católicos deveriam fazer a sua pedagogia, no contexto da escola pública. Esse negócio de escola pri-

vada só faz aumentar o fosso de classe.

Revista de Educação AEC

- Quais as qualidades que você destaca no educador que faz opção pela educação libertadora hoje?

Paulo Freire

- Muito bem, eu vou te arrolar algumas dessas qualidades, que eu chamo de virtudes não é como critério de valor que eu vou enumerá-las. São as qualidades que vão me chegando. E digo mais: não apenas amar o sujeito da educação que é o menino, que é a menina, que é o adulto, mas amar o próprio processo de amar. Eu não sei se está claro isso. Quer dizer, eu amo de amar. Eu amo o próprio ato de amar alguém. Vê bem. Este ato de amar, como pra mim, em geral, o ato de amar, não pode prescindir da paixão. Não pode. Eu acho que sem uma imensa paixão nenhum amor se faz; como nenhum amor fica, se, partindo da paixão que queima, não for capaz de solidificar-se como amor. Por isso é que todo amor, que de repente deixa de ser queimado pela paixão, some também. No fundo, pra mim o amor está na relação entre ele e a paixão por algo, por alguém. O educador progressista deveria lutar por inventar nele ou nela - porque também ninguém nasce com isso, - lutar por inventar, criar - O educador também é um artista, ele é um arquiteto da boniteza de apaixonar-e de amar o menino, o povo que so-

(1) Bairro granfino do Recife.

fre e cheira diferente dele e amar e apaixonar-se pela própria paixão. Você veja, na história das revoluções, os grandes líderes foram apaixonados. Veja um homem como Ghevara que não teve inclusive medo de dizer isso, de dizer várias vezes que não é possível conceber-se a revolução sem amor. Fidel Castro é um amoroso. Sem isso eu não vejo.

Uma segunda qualidade que eu cobro de um educador progressista é a sua competência. É a vigilância sobre si mesmo, sobre si mesma. É a indagação permanente: que fiz eu hoje? o que poderia ter feito hoje melhor do que ontem? A competência em torno dos conteúdos que o educador ensina.

Uma outra virtude é a coerência. Entre aquilo com que o educador sonha - que é a sociedade libertando-se, nem digo livre, eu não acredito em sociedade livre mas eu acredito em sociedade permanentemente libertando-se... Então, a coerência entre sonho do educador e o que o educador faz para materializar este sonho. Esse é um país em que a sem-vergonhice política se generalizou de tal maneira que há uma sem-cerimônia hoje da maioria dos políticos que fazem discursos que eles sabem que vão negar. Ele anuncia na sua campanha que no seu período de governo todos os favelados terão casa e ele sabe que não vai fazer isso. E o que é trágico é que as massas toda vez acreditam nisso. Mas, um dia vão desacreditar. Vai haver uma geração de políticos que vai pagar por isso. E eu estou ansioso, esperando por ela. Então essa virtude da coerência... Eu acho que o educador progressista de-

via ser tão exigente... Eu só diria que ele não devia ser parnasianamente exigente, de escolher o verso complicado, chato... Mas ele tem que ser exigente criticamente, criadoramente.

Uma virtude que eu acho indispensável para o educador progressista é acreditar no povo. Precisa acreditar mesmo no povo. Confiar no povo sem ser ingênuo. Confiar sabendo que o povo, necessariamente porque é povo, não tem a sabedoria inteira, nem tem a decência inteira, nem a moralidade inteira, nem a boniteza inteira. Mas, certo das limitações do povo, eu acredito que o povo possa brigar. Quer dizer, eu tenho que acreditar na gana guerreira do povo, caso contrário, não adianta aproximar-me do povo. Nessa crença eu incluo a crença na beleza da linguagem do povo. Eu acredito naquela boniteza. E ainda quando saiba que é preciso que a linguagem popular, que o povo se apodere da linguagem dominante pra poder brigar melhor contra os dominantes, eu defendendo o respeito total à boniteza original da linguagem popular.

Puxa, eu acho que uma outra qualidade do educador popular é a esperança. Como é possível lutar com a massa popular, ao lado dela, sem ter nenhuma esperança de que é possível mudar? A esperança no povo exige de mim uma compreensão científica diferente da história. Quer dizer, eu não posso entender a história a não ser como uma sucessão de possibilidades. Quando eu falo então na história como possibilidade, eu aceito as limitações que eu tenho para viabilizar os sonhos possíveis na história. Mas, por hipótese nenhuma, ao compreender a história como possibilidade, eu posso aceitar fatalismos histó-

ricos. Quer dizer, eu nem aceito de um lado que o socialismo vem porque tem de vir, nem aceito, por outro lado que ele não vem porque o capitalismo não deixa. No momento em que eu aceito a história como possibilidade, eu nem aceito o fatalismo libertador, esse que decreta que a libertação chega; mas tão pouco eu aceito a imobilização ou o imobilismo que o outro fatalismo dá. Portanto, compreender a história como possibilidade, que não é um ato puramente intelectual mas científico, me põe na busca de uma outra qualidade do educador progressista que é a sua

qualidade de ser utópico. De ser utópico não no sentido que Marx criticou. Mas ser utópico precisamente pela compreensão da história como possibilidade.

Olhe, eu poderia passar a manhã citando qualidades do educador. Mas o que eu gostaria de dizer pra terminar aos educadores progressistas que me leiam e aos não-progressistas, é que essas qualidades não são apriorísticas. Em outras palavras, eu não as inventei na minha cabeça, mas eu as percebi gestando-se nas lutas dos educadores progressistas, na história.

Nota

Matéria publicada pela REVISTA DE EDUCAÇÃO AEC (Jan./Mar. 88)

N. S.

REVISTA DE EDUCAÇÃO AEC

A Revista de Educação AEC é uma publicação trimestral da AEC do Brasil. Ela é dirigida preferencialmente:

- a educadores do 1º e 2º graus;
- as pessoas que atuam ou se interessam pelos problemas de educação formal ou não formal de crianças, jovens e adultos;
- a professores e alunos de escolas de pedagogia;
- áqueles que se interessam pela educação popular.

Condições de Assinatura

A assinatura da Revista é sempre feita para o ano em que ela se realiza e compreende o período de janeiro a dezembro.